

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho 10: Biografia e Sociedade

Self-made woman: análise de uma trajetória improvável

Jaime Santos Júnior (UFABC)

Mariana Zanata Thibes (UFABC)

Marilda Aparecida de Menezes (UFABC)

1. Introdução.

A personagem cuja história procuramos retrair nesse artigo possui uma trajetória notável e também muito representativa de um momento da história do Brasil. O quadro se apresenta de modo resumido da seguinte forma: Elisa¹, uma mulher de 45 anos, migrou da zona rural de Pernambuco para São Paulo muito jovem e, tendo morado na “favela”² durante muito tempo, tornou-se uma empresária bem-sucedida no ramo da confecção e venda de roupas femininas de tamanhos grandes. A melhora nas condições de vida foi significativa a ponto de permitir que ela sustentasse sozinha a família, comprasse uma casa com padrão superior ao bairro em que vive e matriculasse os filhos em colégios particulares da cidade de São Paulo. Nesse percurso, ela transitou não apenas entre lugares geográficos (cidades e bairros), mas, sobretudo, entre posições sociais. O que a fez portadora de uma “trajetória improvável” (Lahire, 2002). Compreender as fórmulas empregadas por Elisa, lendo-as como manifestação de diferentes estilos de *agência* (Archer, 2007), e o discurso elaborado no enfrentamento dessa trajetória de vida é o nosso desafio nesse texto.

De partida, sabemos que a presença de migrantes em São Paulo foi, durante muitas décadas, estimulada pelas oportunidades de emprego na região. Mas, é possível dizer que a partir da década de 1990 um cenário de crise fez com que milhares de trabalhadores fossem atingidos pelo desemprego (Pochmann, 2006). O que alterou os padrões de fluxo migratório e obrigou os migrantes, mas não somente eles, a recorrer a novas estratégias de inserção no mercado de trabalho e de garantia de sobrevivência.

O já cambaleante mercado de trabalho brasileiro, que sobreviveu em larga medida com um restrito índice de formalidade e com uma cesta de direitos bastante seletiva e restrita, vê crescer ainda mais o emprego no setor de serviços – lido por muitos como indício de “precarização”. Junto com o receituário dos novos modos de gestão do trabalho e dos modelos organizacionais das empresas, emerge com força o discurso do “empreendedorismo”, sobretudo o de pequeno e médio porte. Capitanear o próprio negócio aparece, assim, como uma opção que promete melhores ganhos e autonomia, ou como uma estratégia

¹ Assim nomeada para preservar o anonimato.

² Decidimos manter a palavra “favela” no texto como “categoria nativa”, pois trata-se de um termo mobilizado de forma recorrente por Elisa para se referir ao lugar onde morou.

de sobrevivência para lidar com o desemprego e a “precarização” do trabalho. No que diz respeito ao seu papel na nova economia financeira e flexível, as pequenas empresas, os pequenos negócios de “fundo de quintal” desempenham um papel importante ao oferecer uma pequena produção flexível mais próxima da demanda de consumo e mais ágil para atendê-la em um mercado decomposto em pequenos segmentos, ou “nichos” (Souza, 2010).

É exatamente em um desses “nichos” que a protagonista dessa história, Elisa, encontrou seu meio de vida: na moda feminina *plus size*, ou especializada em tamanhos grandes. Não é bem a evidente ascensão social que nos interessa, mas o modo como é mobilizado os elementos de seu passado – a socialização inicial no comércio quando ainda vivia no sertão nordestino – adaptando-os, remodelando-os, “modernizando-os” para enfrentar a vida na grande metrópole⁴ e tornar-se a dona bem-sucedida do próprio negócio. Esse repertório, também chamado de “capital familiar” por Souza (2010), pode ser entendido como um “conjunto de exemplos e valores do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais muito adversas” (Souza, 2010, p.50) que é transmitido de uma geração a outra. A história de vida de Elisa deixa entrever que a transmissão desse repertório foi decisiva em suas chances de ascensão, assim como sua capacidade adaptativa ao modo de funcionamento do capitalismo contemporâneo ao encarnar a figura de uma “empreendedora” moderna.

O nosso contato inicial deu-se durante o período de realização de uma pesquisa de campo em que entrevistamos famílias de migrantes nordestinos moradores da Grande São Paulo para entender de que modo valores, práticas e repertórios simbólicos eram transmitidos de uma geração a outra. Assim, chegamos primeiro ao irmão de Elisa, Marcos, que nos chamou a atenção sobre a trajetória “extraordinária” da irmã.

Entender os elementos que compõem essa trajetória é o intuito desse artigo⁵. Veremos que o ir e vir dos fatos narrados pela protagonista dessa história

⁴ Em um cenário já marcado pela deterioração das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores (diferente, portanto, de seus antecessores).

⁵ Cabe lembrar, todavia, que a apresentação de sua história não visa o encadeamento temporal dos eventos de sua vida em uma sequência lógica. Como adverte a farta literatura sobre o tema, o trabalho de edição da memória é seletivo e faz com que o ato de narrar seja parte da construção identitária dos interlocutores. Esta opção analítica indica que os pesquisadores não “dão voz” aos interlocutores, mas que eles são parte integrante do conhecimento produzido. Como sugere Poupart (2008), não se trata de eliminar os efeitos do

revela entonações distintas à medida que Elisa vai forjando uma identidade que deseja apresentar: a de uma mulher que “venceu na vida” a despeito da origem social pobre.

2. Do sertão ‘pra’ favela.

Elisa nasceu na pequena cidade de Tabira, Pernambuco, na divisa com o estado da Paraíba. A família é composta por sete irmãos. O irmão mais velho foi o primeiro a migrar para a cidade de São Paulo, quando completou 18 anos, ainda na década de 1980. Após a morte da mãe, o pai esquivou-se de amparar a família e partiu para viver em outra cidade sozinho. Diante da difícil situação em que a família se encontrava, já que a mãe era a responsável pelo sustento dos filhos, este irmão decidiu trazer Elisa, que na época residia no Recife com uma tia, para morar com ele e ajudá-lo a cuidar dos irmãos mais novos. Suas posses incluíam um “barraco” e um bar numa favela localizada na zona sul da cidade. Elisa foi hospedada pelo irmão e começou a trabalhar em seu bar, cozinhando e servindo os clientes. O irmão não lhe pagava um salário, mas lhe oferecia em troca moradia e alimentação. O fato de não receber um salário é descrito com naturalidade por ela, como se trabalhar para o irmão fizesse parte de suas obrigações morais de ajudar a família⁶.

O trabalho, tido como complemento das atividades da casa, já fazia parte da vida de Elisa desde a infância. No entanto, é a partir da sua chegada em São Paulo que tem início, de modo peremptório, o objetivo de “ganhar a vida por conta própria”.

Mas ele te pagava um salário pra você trabalhar no bar?

Não, porque ele já era bom demais pra gente, ele já sustentava a gente tudinho.

Então você trabalhava pra ele em troca da comida e da casa?

Era pra nós criar nossos irmãos, porque nós era muito unido.

Mas e quando você queria comprar suas coisas, como fazia?

Aí ele dava, ele nunca foi mão de vaca. (...) Ele sempre dava dinheiro, no fim do ano ele mandava eu ir pra Santo Amaro comprar roupa pros meninos.

contexto, o que importa é compreender como ele impregna os discursos e, ao fazê-lo, é capaz de atuar na construção social e de identidades.

⁶ O trabalho de Elisa no bar do irmão parece estar fundado no princípio das relações de reciprocidade, no sentido de Sahlins (1976). Ela trabalha para “ajudar” o irmão e a família, logo constitui-se uma relação que não passa pelo registro da mercantilização, já que fundada no fluxo de obrigações morais e de compromisso que estruturam os vínculos sociais (familiares, nesse caso).

Embora não esperasse receber um salário pelo trabalho no bar, Elisa conta que, desde muito cedo, o dinheiro constituía uma preocupação fundamental para ela. Em sua infância, escapava dos pais para trabalhar nos campos de produção de sisal para a confecção de tapetes. Já nesses primórdios da história, a narrativa é construída sobre sua determinação para trabalhar e ganhar dinheiro: nenhuma criança era permitida naqueles campos, a não ser Elisa, com seu esforço teimoso para atingir seus objetivos, que nesse caso, consistiam em ganhar alguns trocados, insuficientes, segundo ela, “até para comprar o sabonete gasto na eliminação do mau cheiro” deixado pela atividade nos campos de sisal e nos chiqueiros que ela limpava.

Ainda na infância, ela passou a acompanhar a mãe para vender roupas aos moradores dos sítios da região durante os finais de semana. Era com essa atividade e o trabalho na roça que a mãe sustentava a família. As duas viajavam numa carroça carregada de roupas pelos sítios da região para vendê-las, ou mesmo negociar em troca de alguma coisa, geralmente galinhas e ovos. Não era comum, como mostra Garcia em sua rica etnografia da feira do Brejo Paraibano na década de 1980, que mulheres se dedicassem ao comércio em famílias de pequenos produtores rurais do sertão nordestino. Em um universo permeado por uma forte divisão sexual do trabalho, as mulheres eram socializadas para desempenharem papéis domésticos e não atividades relacionadas ao comércio. Esse cenário começa a se modificar a partir da década de 1950 quando, no período estudado pela autora, há um aumento de 49% da presença de mulheres nas feiras do Nordeste do Brasil. Porém, como mostra Garcia (1992), o aumento da presença feminina nesses espaços não significou a reversão dos padrões da divisão sexual do trabalho: mulheres continuaram a desempenhar as tarefas menos abonadoras na feira, e dedicar-se majoritariamente a “botar café”,

“um setor em que são valorizados o conhecimento e o *habitus* feminino: fazer refeições, guardar as armas dos compradores e vendedores, eventualmente cuidar de uma gripe com um chá, ser discreta e amável, são estas as atividades e qualidades para as quais as mulheres são socializadas desde a infância no seio da unidade doméstica” (Garcia, 1992, p.7).

Era comum a presença de mulheres viúvas e separadas nas feiras. A mãe de Elisa, “viúva de marido vivo” via-se numa situação em que fora obrigada a assumir papéis masculinos: tanto ao sustentar sozinha a família, quanto na

escolha de sua atividade profissional, o comércio. Quanto à escolha do objeto vendido, as roupas, Garcia explica que eram consideradas “o topo da hierarquia dos bens femininos”, e que “quase todas as mulheres gostariam de participar deste setor” (idem), embora nem mesmo aí elas fossem majoritárias, já que nele predominava a presença masculina.

Desse modo, a venda de roupas representava para a mãe de Elisa uma atividade prestigiosa naquele meio e uma das opções mais rentáveis que uma mulher, “viúva de marido vivo”, poderia desempenhar. É o que transparece na fala de Elisa,

Minha mãe era muito sabida, ela sabia até ler e escrever (...). Agora, no comércio, minha mãe era muito boa! Naquele tempo, no sertão da Paraíba, ela se destacava porque quem vinha pra São Paulo ela que emprestava dinheiro a juro. Ela esperava até você arrumar emprego e trabalhar pra poder devolver o dinheiro pra ela. Tinha uma cabeça boa pra negócio. Conseguiu sustentar a gente tudinho com a roça e o comércio. Naquele tempo, ela era uma pessoa muito bem sucedida, porque ela tinha casa própria, tinha casa em outra cidade, pra minha irmã estudar.

A despeito de ter quatro irmãos do sexo masculino, Elisa foi a única escolhida pela mãe para acompanhá-la nas vendas. Garcia (1992) aponta que nesse universo social, os meninos é que costumam ser socializados para “enfrentar o mundo”, negociar e obter os recursos necessários às suas necessidades, e, mais tarde, às necessidades da família da qual serão chefes. Elisa justifica ter sido escolhida pela mãe em função de ser “a mais esperta entre os irmãos”. Essa escolha parece ter sido decisiva para que, mais tarde, Elisa revelasse maior competência para os negócios que seus irmãos homens.

A mãe de Elisa veio a falecer prematuramente ao ser atingida pela doença de Chagas. Antes de seguir para São Paulo, após esse episódio, Elisa, então com 13 anos, foi levada para morar com uma tia na cidade do Recife. Lá ela trabalhou como empregada doméstica, em troca de moradia e comida.

Fui morar com minha tia no Recife. Eles falavam que eu ia pra lá pra estudar, mas era mentira, fui pra lá pra ser empregada dela. Fiquei 4 anos lá e só estudei 2, porque o marido dela me colocou na escola. Ela ficava brigando que não era pra estudar porque não dava tempo, meu tio teve que brigar com ela pra me por na escola. Uma vez ela falou pra mim que não era pra pegar maçã da geladeira porque não era pra acostumar com o que eu nunca ia poder ter na minha vida.

Nesse trecho fica patente a descrença dos familiares mais abastados nas possibilidades de ascensão social da sobrinha, tanto na tentativa de fazer com

que ela mantivesse a frugalidade quanto na falta de incentivo para os estudos. Se a barreira à geladeira foi rompida com a fartura de comida que hoje ela faz questão de oferecer à família, a falta de escolaridade permaneceria como um obstáculo não transposto e que terá desdobramentos para a imagem que ela criou de si mesma.

Após esses quatro anos vividos no Recife, ela decide migrar para São Paulo a convite do irmão, para viver com sua família, instalada em uma favela da zona sul. A chegada na grande metrópole é lembrada como um momento muito importante, porém dramático. Uma grande chuva assolou a capital paulista logo no dia de sua chegada e alagou a favela e o “barraco” em que morava a família do irmão e que também a abrigaria. Dessa forma, sua vinda é marcada por um acontecimento desagradável e divergente das expectativas que ela nutria acerca de sua nova vida. Ao revelar ao irmão o descontentamento com a situação, ela recebe a resposta de que, a despeito da pobreza e das dificuldades, eles eram os donos daquele barraco e isso lhes conferia mais dignidade do que morar de favor na casa de outra pessoa, como ela morou na casa da tia⁷.

Após o episódio, ela afirma ter aprendido os “manejos da favela”: assim que o rio começava a exalar mau cheiro, eles levantavam tudo o que estava no chão do barraco, para que nada fosse perdido durante o alagamento. Depois, bastava limpar o local e retomar a vida cotidiana.

Dentre as tarefas que realizava no bar, incluía-se a limpeza do estabelecimento. Entretanto, o chão, de terra batida, dificultava seu trabalho e dava ao bar uma aparência ruim. Foi então que teve a ideia de organizar um bingo para arrecadar fundos para o assentamento de pisos no chão do bar. Como sempre fora uma mulher muito comunicativa, conseguiu facilmente atrair os frequentadores do estabelecimento para participarem do jogo, cujo prêmio seria um frango assado. O dinheiro arrecadado foi suficiente para comprar o piso. Depois, ela convenceu um conjunto de homens que trabalhavam como pedreiros em obras do bairro a fazerem o serviço em troca de uma rodada de feijoada com

⁷ A aquisição de uma casa é um evento recorrente em seu relato e aparece como um dos eixos de sua narrativa, como se sua prosperidade pudesse ser medida, de algum modo, pela sucessão de casas que adquiriu conforme tornava-se bem-sucedida em seus empreendimentos. Assim, desde o primeiro “barraco” próprio, até a compra da casa em que mora atualmente, aparecem como suportes e provas de sua trajetória de sucesso.

cachaça. Essa história parece ser o marco inicial do desenvolvimento de seu “espírito empreendedor”⁸, na medida em que ela percebe a necessidade de investir no estabelecimento do irmão, planejando e executando formas de fazê-lo. Além disso, ela também intui que algumas de suas qualidades pessoais foram determinantes para seu sucesso profissional futuro, tais como sua facilidade em se comunicar e sua flexibilidade para desempenhar todo tipo de tarefa. Essas qualidades, tributárias da socialização no comércio junto com a mãe, foram fundamentais em toda sua trajetória e continuam sendo mobilizadas em sua profissão atual, como pequena empresária do ramo das confecções femininas.

Outro aspecto que merece destaque, neste e em outros momentos da história, é o que ela afirma ser “um tino para o mundo dos negócios”. Seu irmão mais velho, dono do bar, sempre a levava consigo em ocasiões em que precisava negociar:

Quando ele ia comprar as coisas, ele ia me consultar, não ela (a esposa), até chegaram a perguntar se ele não tinha esposa e eu não tinha marido. Ele chamava eu pra fazer negócio, porque sabia que eu era boa nisso, não desistia até o pessoal cansar, e ele não tinha psicológico bom pra isso.

3. Da favela pro bairro rico: a trajetória de uma empreendedora de sucesso

Até o momento, foi possível observar como determinados elementos presentes nas diversas instâncias de socialização de Elisa foram importantes na sua trajetória. A socialização primária no comércio de roupas e a parceria nos negócios com o irmão forjaram determinadas disposições atuantes na trajetória de Elisa.

Se o predicado usado como motivação para a migração é o desejo de melhorar de vida, a nossa personagem não se lança no mercado de trabalho como o fizeram muitos dos seus conterrâneos, que encontraram na prolífica indústria da região oportunidades de emprego assalariado formal (Menezes, 2015, Fontes 2008, Tomizaki, 2006 e 2010). Elisa chegou em São Paulo em meados da década de 1980 e atinge a maioria nos anos 1990, momento em

⁸ No dicionário, empreendedorismo é definido como “a disposição para identificar problemas e oportunidades e investir recursos e competências na criação de um negócio, projeto ou movimento que seja capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo”. Por ora, a noção é empregada nesse sentido, embora ao longo do texto, ela ganhe outros desdobramentos a partir da literatura sociológica mobilizada.

que o país enfrenta uma séria crise econômica. Nesse novo cenário, termos como “reestruturação produtiva” e “reforma neoliberal do Estado” ganharam destaque com diversas implicações, tais como a desregulamentação do mercado de trabalho e, principalmente, o desemprego (Cabanés, 2011). A figura do trabalho formal, antes balizador de condutas, foi levado à berlinda, cedendo cada vez mais espaço para a ascensão do “precariado” e dos mercados informais de trabalho, não só no Brasil, mas também nas economias centrais (Feltran, 2014). Além desses fatores conjunturais, é preciso acrescentar que, no mercado de trabalho formal, a demanda por mão-de-obra qualificada passou a ser cada vez maior, deixando cada vez menos espaço para os trabalhadores migrantes de origem rural. O enfraquecimento do já precário trabalho assalariado formal enseja ainda mais o seu antípoda, o trabalho informal. Trabalhar por conta própria se tornou a “saída de emergência” para muitos trabalhadores vítimas do desemprego e da precariedade, que figuram não apenas como tentativas individuais de lidar com as dificuldades, mas formas incentivadas por políticas e estratégias de individualização (Cabanés, 2011).

É importante remeter a esses fatos para compreender melhor as ações de Elisa à luz de tais condicionantes históricos. Isso implica dizer que para a geração de migrantes da qual ela faz parte as condições para obter um emprego formal já não eram as mesmas das gerações precedentes de migrantes que vieram para São Paulo.

A isso, somam-se as disposições para o comércio e os negócios forjadas em seu passado como elementos importantes para entender sua trajetória individual, e de que modo ela também remete ao destino de outras famílias de migrantes que se instalaram em São Paulo e tiveram que encontrar caminhos diferentes de seus predecessores.

É assim que, uma vez em São Paulo, Elisa não vai ao mercado vender a sua força de trabalho em busca de um emprego assalariado formal, mas busca capitalizar o saber adquirido na socialização prévia com o comércio para dar início a um pequeno negócio. O desejo de trabalhar por conta própria também estava presente entre os migrantes que vieram nas décadas de 1970 e 1980, mais das vezes por conta do desejo de ter mais autonomia sobre a gestão do trabalho diante do rigor da disciplina fabril, contudo, sem dúvida, tornou-se uma

tendência muito mais expressiva após esse período devido às razões já comentadas.

Essa decisão aconteceu enquanto Elisa trabalhava no bar do irmão. Como ele não lhe pagava um salário, para ganhar seu próprio dinheiro, ela passou a lavar as roupas dos clientes do bar, em sua maior parte, trabalhadores da construção civil dos arredores. Ela conta que, devido às constantes chuvas e o frio da capital paulista, as roupas custavam a secar, o que gerava reclamações da parte dos clientes. Na falta da roupa seca, por que não levar uma roupa nova? Ao perceber que naquelas roupas havia uma oportunidade de negócio, ela começou a comprar roupas no bairro do Brás e vendê-las aos clientes, aproveitando-se da situação adversa. A ideia é bem-sucedida e Elisa convence o irmão a emprestar-lhe dinheiro para abrir sua primeira loja, montada em um barraco muito pequeno, com algumas prateleiras ajambradas pelo próprio irmão. As roupas eram compradas no bairro do Brás e revendidas em sua pequena loja para a clientela local composta por moradores da favela.

O negócio prosperou rapidamente e, em pouco tempo, Elisa pôde devolver o dinheiro emprestado ao irmão, além de lhe sobrar um excedente para investir na compra de outros barracos, a serem revendidos posteriormente a preços maiores, ou alugados. Com novas fontes de renda, ela amplia as formas de negócio e passa a investir na venda especializada de roupas femininas. Animada com sua rápida prosperidade, Elisa decide comprar sua primeira “casa”⁹. Um imóvel grande, situado próximo à favela, composto por dois andares, quatro quartos e ampla área externa ¹⁰.

A compra da casa foi feita sem que ninguém, além de seu irmão, Marcos soubesse. A transação era difícil e arriscada, pois ela não possuía avalista nem condições de obter um financiamento bancário. Logo, o proprietário teria de

⁹ O uso do termo entre aspas serve para ressaltar o fato de ter sido esta a primeira casa de Elisa em contraste com os “barracos” anteriores em que viveu. Essas categorias e a oposição que as coloca em contraste são utilizadas por ela e servem como marcos do seu progresso material.

¹⁰ Cabe aqui uma explicação adicional sobre a localização da casa, a qual fica situada em uma rua que faz divisa com a favela. Para os que, como nós, chegam no local desavisados, a diferença não é evidente, e a casa, embora grande, não parece estar separada da favela. Olhando de fora, ela também não destoa do padrão de casas da periferia: a frente possui no andar de baixo uma garagem com porta de ferro e ao lado uma entrada estreita com uma escada cimentada que conduz ao andar superior em que mora a família. No interior desse segundo piso a “prosperidade” de Elisa se faz mais evidente pela observação do padrão dos móveis e a amplitude dos cômodos. Como a família em diversos momentos menciona sua saída da favela e se percebe fora dela, deduzimos que a divisória da favela é constituída simbolicamente por alguns fatores como o tipo de moradia, o tipo de vida e a sociabilidade, mais do que por uma fronteira precisamente delimitada no espaço geográfico.

parcelar o valor do imóvel e confiar em sua capacidade de pagamento das prestações, as quais tinham um valor consideravelmente alto. Por conta de sua incapacidade de oferecer garantias, o contrato de venda foi feito de forma que, diante do atraso das prestações, além de devolver o imóvel, ela perderia tudo o que já havia pago. Mesmo assim, Elisa decidiu assumir o risco confiando que conseguiria ganhar o dinheiro necessário para arcar com a dívida. O processo de compra da casa é descrito em detalhes, como um grande acontecimento: o símbolo maior de que venceu na vida.

Tudo parece fluir como Elisa sonhou, até que, pouco depois, sua loja sofre dois assaltos consecutivos, em que Elisa e a filha foram feitas de reféns. Com medo do ocorrido, o marido decide voltar para o Nordeste, levando o filho consigo e deixando-a com a filha e o irmão, que nessa época, a ajudava na loja. O marido de Elisa é uma das figuras menos mencionadas em sua história. As poucas menções a ele aparecem quando ela o associa ao cuidado dos filhos. Antes de assumir essa atribuição, ele trabalhava como segurança de estabelecimentos, porém, logo em seguida assumiu o cuidado integral da casa e dos filhos. Após o breve período de afastamento do casal ocorrido na ocasião do assalto, eles decidem reatar a relação, e a família é reunida novamente. Nesse momento ocorre uma inovação nos termos do arranjo familiar. Elisa convence o marido a dedicar-se somente às tarefas da casa, uma vez que ela não teria tempo para realiza-las, e assume, integralmente, a figura de provedora da família. A subversão implica em um tenso jogo de ressignificações identitárias na família que não é livre, como era de se supor, de tensões¹¹.

A violência do bairro, da qual foi vítima em assaltos consecutivos, requer um novo investimento e Elisa decide deslocar a loja para um novo ponto comercial, supostamente mais seguro, e aluga um imóvel num conjunto comercial próximo de sua casa, situado em uma das avenidas principais de um bairro rico da cidade. Para concorrer com as diversas lojas do mesmo gênero que existiam já na região, ela decide explorar um nicho de mercado ainda pouco conhecido: as roupas sob medida para mulheres “plus size”. A ideia surgiu em um dia de trabalho corriqueiro em que Elisa recebe uma cliente chateada por

¹¹ Cumpre lembrar que durante nossas conversas o marido permanecia sempre por perto, observando e escutando o que Elisa dizia, embora nunca tenha se disposto a conceder uma entrevista.

não encontrar roupas que lhe servissem por ser “gordinha”. Ela se diz tocada pela situação da cliente, sobretudo, pelo fato de ela própria também ser “gordinha”, e manda costurar uma roupa adequada ao manequim da mulher. O resultado é tão positivo que Elisa prontamente percebe na confecção de roupas sob medida a existência de uma oportunidade de ampliar seus negócios e seu faturamento. Ela monta na garagem da própria casa uma confecção e passa a se especializar em roupas femininas de tamanhos grandes. Nesse novo nicho, ela começa atender não somente o público das redondezas, mas também as mulheres que vivem nos bairros mais ricos da zona sul¹².

Sempre enaltecendo os atributos de ser “muito comunicativa” e de saber “se relacionar”, diz que suas vendas se fazem “na lábia” e que dificilmente alguém sai da loja sem levar nada. Por meio das boas relações, Elisa se aproxima do universo de suas clientes. Mas, eis que surge outra zona de liminaridade. Conversando com elas, passou a conhecer como vivem e pensam essas mulheres de classe média e média alta, e também perceber que, entre ela e suas clientes, há diferenças significativas que impedem que a relação se estenda para o campo pessoal. Entretanto, é preciso lembrar que, a despeito da prosperidade de seus negócios, Elisa nunca se sentiu igual às suas clientes de classe média.

Quando entramos no assunto da relação com as clientes, Elisa é taxativa: “rico não tem amizade com pobre”. Ora, se em termos econômicos ela já não difere significativamente de suas clientes das classes média e média alta, nessa relação, o lugar que ela sente ocupar ainda é o de pobre.

Aí tem certas coisas que eu aprendi a trabalhar pra conviver. Porque pobre nunca vai ser amigo de rico, isso é mito dizer que pobre é amigo de rico. É muito difícil, é raro, não existe isso. Por que um rico nunca vai deixar de convidar uma pessoa que é influente, pra convidar eu que não sou influente. Então isso eu tenho isso na minha cabeça, sou muito bem preparada, aquela cliente não vai ser minha amiga porque ela gosta de mim, não, ela é minha cliente. Tem umas que têm bom coração, que eu gosto muito, mas não vou frequentar a casa delas, nem elas a minha. As vezes

¹² Quando fizemos as entrevistas, ela estudava abrir uma segunda loja num shopping center, o que soubemos que foi concretizado.

ela chama mas eu não vou, invento qualquer desculpa. *Eu vejo que ali não é o meu mundo* (grifos nossos).

Ainda que seja com frequência convidada para eventos familiares nas casas dessas mulheres, Elisa diz que prefere não aceitar; “fica sem assunto”. Os temas das conversas, como viagens internacionais, vinhos, cinema e livros são, para ela, distantes do seu universo. Desse modo, é sua origem pobre e iletrada que se manifesta quando descreve suas relações com as clientes ricas.

A relação com o passado também revela traços de ambiguidade quando Elisa se refere à favela. Ela não rejeita, nem procura distanciar-se de seu passado. Afirma, ao contrário, que se sente próxima da comunidade em que viveu e que costuma visitá-la com frequência. No entanto, assume que a relação mudou substancialmente depois que “enriqueceu”. Como costuma dizer: “agora, quando entro lá, eles me tratam diferente, me tratam como madame”.

Há também um certo afastamento com relação aos parentes que permaneceram na Paraíba. A única viagem à cidade natal ocorreu no ano anterior à entrevista que realizamos, durante as festividades de São João, em que ela “foi fazer o que a mãe fazia”, isto é, presentear os sobrinhos e parentes próximos na ocasião dessa data. Contudo, diferente da mãe, que costumava dar “um quilinho de carne, um sabonete”, Elisa mandou abater um boi e fez uma “festa decente, como se faz em São Paulo, com mesa de frutas e tudo mais”.

Parece válido supor que há uma certa ambiguidade com relação ao seu passado visto que, malgrado lhe seja próximo, ela procurou, pelos meios que recorreu, deixá-lo para trás. Esses momentos de tensão emergem com força nas situações de trânsito entre os universos em questão. Mas disso não decorre a atuação de uma força para a qual a sua capacidade de *agência* terá pouca, ou nenhuma, competência nas suas ações. Não deixa de ser significativo a maneira como ela mobiliza diferentes repertórios, nesses ambientes como se a querer adaptá-lo aos novos tempos; mas, permanece o confronto, por vezes silente, com um passado que quer superar. Nesse quesito, e observando a partir da família e da relação com os filhos, a trajetória da nossa personagem deixa entrever que o percurso entre quadros sociais distintos, onde são gestadas as suas experiências, fornecem esquemas de ação que não necessariamente atuam de modo perene e de maneira imutável. Dessa forma, em diversos

momentos, Elisa parece ocupar uma espécie de “não-lugar”, ou um espaço de trânsito entre dois universos. Ela sente que não pertence ao universo das clientes da loja, conquanto o dinheiro tenha lhe facultado esse acesso, mas igualmente sente-se deslocada quando volta aos lugares pobres em que viveu no passado. Ela convive, portanto, com as ambivalências ocasionadas pela mobilidade social ascendente que alcança. Estamos desafiados a interpretar essas tensões não como meros dispositivos que se reproduzem de forma inexorável sobre um sujeito que pouco pode fazer para alterá-las e que revelariam, por essa chave, a figura do “trânsfuga de classe” (Bourdieu, 2001, 2007). Sim, porque na medida em que observamos a manifestação de um certo *habitus*, quando Elisa diz que não domina os códigos dos novos ambientes que passou a frequentar, vemos, por outro lado, a recusa em aceitar um possível destino que a vida anterior deixava entrever. Isso mostra que não há mera reprodução de um “princípio gerador”, ou “exteriorização do adquirido” sem que haja fissuras nesse processo, como já havia sugerido Lahire (2004).

4. Conclusão

É sabido que o desejo de “dar uma vida melhor à família”, muito recorrente nas narrativas que encontramos, e também presente em outros achados da literatura¹³, assume uma pluralidade de significados. Longe estamos de querer apresentar o caso de Elisa, ainda em análise, como paradigmático a ilustrar condutas que estariam se homogeneizando. O que chama a atenção, para os nossos propósitos, na trajetória de Elisa são os meios buscados para atingir esse objetivo, reveladores das transformações pelas quais o país passou nos últimas décadas. Se, tradicionalmente, há uma longa história de migrantes atraídos pelas oportunidades de trabalho em São Paulo, no caso de Elisa, há duas questões que a fazem sair da curva. A primeira é o fato de Elisa ser uma “mulher bem-sucedida”. Os estudos sobre famílias de trabalhadores urbanos são, em grande parte, voltados para as trajetórias masculinas¹⁴. Assim, embora as mulheres sejam parte importante do projeto familiar de melhorar de vida, seu

¹³ Cf. Fontes (2008), Tomizaki (2006, 2010) e Menezes (2002), só para citar alguns.

¹⁴ Uma exceção recente a esse respeito é o trabalho de Priscila Coutinho (2013) sobre a trajetória de uma mulher migrante nordestina que se torna executiva de uma grande empresa multinacional.

desempenho fica oculto nos bastidores da esfera privada dos cuidados com a família. Em segundo lugar, o fato de Elisa ter procurado ascender sempre como empreendedora e nunca como empregada confere uma particularidade digna de nota em sua trajetória. Seu único emprego foi no bar do irmão, o que, como vimos, constituía uma ocupação baseada em obrigações morais familiares, e sequer lhe garantia um salário. Assim, a via buscada por Elisa para melhorar de vida é o caminho do empreendedor moderno, que mobiliza as próprias qualidades pessoais para criar capital.

Como mostra Lopez-Ruiz (2004), empreendedor e empregado são figuras movidas por lógicas distintas, e características de momentos históricos particulares. O empreendedor dos tempos atuais é uma figura que se criou tendo por base a teoria do capital humano, segundo a qual os indivíduos passam a ser proprietários de bens intangíveis, isto é, de suas próprias habilidades, capacidades e destrezas. Ao contrário de seu antecessor, cuja preocupação maior era a estabilidade garantida por um bom emprego, o empreendedor moderno não tem medo dos riscos e tem como mantra a flexibilidade para mobilizar seu capital humano. Este é o bem maior que poderá ser cultivado e capitalizado para atingir o sucesso.

A nossa protagonista, a despeito de características que lhe desfavoreciam, lança mão de habilidades desenvolvidas na relação com a mãe para os negócios. É esse capital familiar que será mobilizado e potencializado, agora em contexto diverso. Embora não tivesse capital monetário ou cultural quando começou suas atividades profissionais, ela desde cedo fora portadora de disposições decisivas para seu sucesso financeiro, sobretudo a flexibilidade de desempenhar qualquer tarefa para obter dinheiro e mobilizar suas capacidades para criar e expandir seus negócios

No entanto, é curioso notar que esse “afinco” e essa “disposição” ela diz não encontrar nos filhos, os quais, segundo ela, “tem vergonha de tudo” e sempre “tiveram as coisas de mão beijada”. O investimento em educação também denota o reconhecimento das barreiras por ela encontrada em sua trajetória por não ter essa credencial. Essa foi sua forma de transmitir a eles um *ethos* de classe média urbana. Algo muito próximo do encontrado por Sennett (1998) ao comparar as trajetórias duas gerações distintas - um pai e seu filho - para exemplificar as mudanças objetivas e subjetivas que criarão o que ele

chama de “capitalismo flexível”. Sabemos que Elisa prosperou economicamente por meio de uma ética do trabalho associada à dureza da vida, todavia, assim como o entrevistado de Sennett, Elisa percebe que não será capaz de transmitir a seus filhos os mesmos valores e as disposições que alicerçaram sua trajetória.

Assim como muitos migrantes de origem rural, nossa protagonista partilha da crença de que o limite de sua ascensão social tenha sido dado pela falta de estudos, por isso, também não poupou esforços para investir na educação dos filhos. Seu filho mais velho cursa uma faculdade particular de renome em São Paulo, e a filha do meio está prestes a seguir o mesmo caminho. Ao ser indagada sobre se alguma vez os filhos a ajudaram na loja, ou em casa, ela afirma que o único retorno que espera deles é o bom desempenho nos estudos¹⁵. Seus filhos nunca trabalharam em sua loja e não pretendem fazê-lo, diz ela.

Elisa não criou seus filhos à sua imagem e semelhança, para reproduzirem sua trajetória. Ela os criou para que, desde pequenos, pudessem desfrutar de condições diferentes das que ela viveu. A vida de seus filhos, agora, é semelhante a de seus colegas de classe média, o que inclui educação de nível superior e ingresso na vida profissional tardiamente (após a conclusão da faculdade), e a expectativa de obter um bom emprego como retorno para o investimento realizado nos estudos. Entretanto, sua fala permite entrever a dúvida de que a educação, sem a presença das disposições gestadas na vida prática, baste para garantir a continuidade do projeto de ascensão social familiar. Aqui vale a pena nos determos num trecho mais longo de transcrição, que revela exatamente esse ponto:

E o que você passa pros seus filhos? O que você espera deles?

Espero que eles tenham uma boa índole, não digo que eles vão continuar o que a gente fez assim, porque a geração é outra, mas pra mim, eu quero que eles sejam pessoas instruídas. Hoje só não ganho mais dinheiro porque não tenho instrução, não entendo nada de computador, sou completamente fora disso, e se eu tivesse estudo, eu era presidente do Brasil! (risos). Porque o pouco que eu arrumei eu consegui dar uma vida digna pros meus filhos.

Você acha que eles vão chegar mais longe que você?

¹⁵ Aqui cabe uma breve observação de caráter etnográfico. Quando cheguei na casa da família, foi-me oferecido um pedaço de bolo. Perguntei à filha de Elisa, que trazia o bolo em mãos para servi-lo, se tinha sido ela a preparar o doce. A pergunta foi recebida com espanto e negada com veemência, como se fosse completamente descabida. Depois, foi-me explicado que Elisa havia comprado o bolo de uma vizinha. A reação de espanto da filha diante da pergunta deixa claro que ela não se via realizando aquele tipo de atividade doméstica, que em sua vivência, já não é realizada pelas mulheres da família, mas comprada de terceiros – terceira, no caso, já que se tratava de uma vizinha.

Tem hora que eu acho que eles tem vergonha de tudo. A minha necessidade no meu tempo era não ter vergonha de nada. Lá na roça eles me chamavam pra limpar o chiqueiro dos porcos quando chovia, porque era fedorento e ninguém queria entrar, pessoal tinha nojo e eu não tinha, se era pra ganhar dinheiro eu tava lá. Quando eu chegava em casa minha mãe me batia porque eu tava fedendo tanto, insuportável! O dinheiro que eu ganhava não dava nem pra comprar um sabonete pra tomar banho, mas eu não podia ver um dinheiro, e eu não tenho vergonha de falar. Isso eu não vejo no meus filhos...

E você acha que isso pode atrapalhar eles?

Eu acho que sim. Eu até hoje vou no Brás, me chamam de baiana lá, porque eu carrego sacola na cabeça até hoje, porque só sei carregar fardo pesado na cabeça. Isso eu não vejo meus filhos fazerem porque eles tem vergonha, coisa que eu não tinha, e acho que vai atrapalhar eles. Eu tenho vergonha de fazer coisa errada, mas trabalhar pra ganhar dinheiro, eu faço o que for! Já até vendi coentro de porta em porta, comida de porta em porta, e hoje, eles tem vergonha de tudo, e isso me irrita. Hoje é estudo, que eles estudam, e eles nunca trabalharam, o retorno que eles me dão é em estudo, porque se parar de estudar, nego véio, vai trabalhar!

A passagem do tempo, que marca o intervalo entre uma geração e outra, cria disjunções e ambivalências nas trajetórias familiares. Pais que migram e ascendem são portadores de determinadas experiências e repertórios de valores que, esperam, possam transmitir aos filhos com a esperança de que esse estoque também seja útil no enfrentamento das dificuldades que compõem uma trajetória de vida. Entretanto, as mudanças históricas são indelévels e obrigam os indivíduos a dar novos significados aos repertórios e expectativas herdadas. Os filhos de Elisa não poderiam, ainda que o desejassem, repetir a história da mãe. Terão de se haver com as próprias limitações e possibilidades que seu tempo histórico oferecem.

Referências Bibliográficas.

ARCHER, Margareth. *Making our way through the world: human reflexivity and social mobility*. Cambridge University Press, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Reflexões Pascalianas*. Trad. Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento do gosto*. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CABANES, Robert [et.al.] (orgs.); *Saídas de emergência: ganhar a vida na periferia de São Paulo*. [tradução Fernando Ferrone, Cibele Saliba Rizek]. São Paulo: Boitempo, 2011.

COUTINHO, Priscila de Oliveira. Partidas e Retornos: a filha de Gabriel em busca de outros nortes. In: *Narrativas da Desigualdade: Memórias, Trajetórias e Conflitos* / organização José Sérgio Leite Lopes e Marta Cioccarri. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. *Cad. CRH [online]*. 2014, vol.27, n.72, pp. 495-512.

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

GARCIA, Marie France. O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.7, n.19, jan. 1992.

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos: Disposição e variações individuais*. São Paulo: Artmed, 2004.

_____. *O Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LOPEZ-RUIZ, Osvaldo. O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo. Tese de doutorado. Unicamp, 2004.

MENEZES, Marilda (et.al.). Entre a região Nordeste e São Paulo: migrantes e trabalho no período de 1950 a 2010. In: Dirceu Cutti; Dulce M.R. Baptista; José Carlos Pereira; Lucia M.M. Bógus. (Org.). *Migração, trabalho e cidadania*. 1a.ed.São Paulo: EDUC, 2015, v. , p. 163-185.

MENEZES, Marilda. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses – migrantes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: Ed. UFPB, 2002.

POCHMANN, Márcio. Desempregados do Brasil. In: ANTUNES, R. (org). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2006.

POUPART, J. et al. *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis-Rj: Vozes, 2008.

SAHLINS, Marschall David. *Culture and Practical Reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TOMIZAKI, Kimi. A herança operária entre a fábrica e a escola. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 18, p. 153-171, 2006.

_____. Transmitir e herdar: o estudos dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação & Sociedade* (Impresso), v. 31, p. 327-346, 2010.

SAHLINS, Marshall. *Culture and practical reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.